

UM PERCURSO CHAMADO ADOÇÃO

Relato de uma experiência de acolhimento e amor

Liliane Cristina de Oliveira Hespanhol



Ao receber o convite para contar a nossa experiência sobre o processo de adoção, comecei a refletir sobre tudo que vivenciamos nesses anos e acredito ser importante partilhar experiências, em especial, aquelas que envolvem o processo de adoção. Falo aqui em “processo de adoção”, no verdadeiro significado da palavra processo, e não como um processo judicial, formal e que tem o seu termo final com uma sentença proferida pelo juiz. Falo em processo como uma ação continuada, que se desenrola no tempo, um verdadeiro percurso. Nesse momento em que escrevo, estou em mais uma etapa deste complexo e maravilhoso percurso!

Encontramos nosso filho no dia 7 de novembro de 2014, às 15h, com sete meses de vida, pesando dez quilos. Mas o nosso processo de adoção não teve início nesse momento, ao contrário, foi alguns anos antes disso.

Eu e meu marido sempre nutrimos o desejo de ter filhos. Como boa metódica que sou, fiz planos, calculei riscos e estabeleci um cronograma de execução para o “Projeto Gravidez”. Sempre foi uma necessidade minha ter o controle de tudo à minha volta e, até aquele momento, posso afirmar que obtive muito sucesso.

Mas algo não saiu como planejado. Não engravidamos. Isso gerou muita frustração e sofrimento. Fizemos todos os exames, e nada foi encontrado que pudesse justificar a nossa infertilidade. Assim, mais uma vez, analisei a situação, e decidimos nos submeter aos métodos artificiais de fertilização. Iniciei com as injeções de hormônios e tudo foi agendado e planilhado. Fiz contas, estabeleci o mês da concepção e do nascimento, fiz o projeto do quarto, estudei as melhores escolas e universidades. Pasmem! Eu realmente fiz tudo isso.

Mas algo me incomodava, uma voz interior que teimava em não se calar e que gerava grandes questionamentos. Comecei a viver a minha noite escura da alma, tão bem descrita por São João da Cruz. Não entrarei em detalhes aqui, em respeito à crença dos leitores e também pela minha incapacidade de verbalizar o meu processo de cura interior. Assim, suficiente dizer que desisti da fertilização *in vitro*, por ter compreendido que o dom da vida não pode ser manipulado ou controlado por nós. A vida é um dom, uma graça!

Abrir mão de algo que você deseja muito não é tarefa fácil. Eu desejava encontrar no meu filho ou filha os nossos traços, os olhos do meu marido, meu sorriso, enfim um desejo comum a muitas pessoas. Sonhava com o momento em que iria anunciar a gravidez a toda a família e todos aqueles chás: revelação, fraldas. Nada disso aconteceu.

Então veio a reflexão: e a adoção? Eu e meu marido já pensávamos nesta possibilidade mesmo antes de nos casarmos, mas tomar a decisão não é tão simples, pois os medos começam a surgir: será que vai dar certo? Seria uma criança revoltada? E se for problemática? E se tiver problemas com a saúde? Sofrerá preconceito na escola? Será que vai nos aceitar? Os medos e questionamentos da gestação foram substituídos pelos medos e questionamentos da adoção. Veja que não é um processo diferente.

Assumindo e enfrentando todos os sentimentos que surgiam, resolvemos dar o primeiro passo. Comunicamos aos nossos pais e irmãos o nosso desejo. Isso foi fundamental, pois criamos a nossa rede de apoio. Em seguida, procuramos o setor de Serviço Social do Fórum local e iniciamos o nosso curso de preparação para a adoção.

Cabe aqui um parágrafo para esse curso. Encontramos muitas pessoas que também desejavam adotar, com motivações várias. As palestras das assistentes sociais e psicólogas foram muito esclarecedoras. Foi um espaço importante para o nosso amadurecimento e para conhecer melhor o perfil das crianças que estão aguardando um lar. Foi revelador escutar que,

na adoção, busca-se o melhor interesse para a criança, e não atender às expectativas, muitas vezes, egoístas e ilusórias das pessoas pretendentes à adoção.

Diante disso, eu me fiz um questionamento: qual a minha motivação para a adoção? Estaria adotando por vaidade, por ser a única da turma de amigos que não tinha filhos? Seria uma necessidade de atender aos padrões sociais impostos? Seria uma forma de resolver o nosso problema de infertilidade conjugal? E aí a minha pergunta se modificou: por que quero ser mãe?

Assim, veio a revelação: eu precisava amar e cuidar! Eu sentia a necessidade vital de cuidar de outro ser humano. E, a partir da minha crença, eu queria compreender o que era o amor incondicional do Criador pela sua criatura. E este amor não estava condicionado a gerar aquele ser no meu ventre! Este amor já fazia parte de mim e estava pronto para ser doado.

Ingressamos com o processo de habilitação. Recebemos a visita da assistente social, para traçar o perfil do nosso filho. Confesso que foi um dos momentos mais difíceis para nós. Qual a idade? Cor da pele? Homem ou mulher? Com problemas de saúde? Aceitam criança cujos genitores são dependentes químicos? Aceitam grupos de irmãos?

Penso que este deveria ser o momento mais cercado de cuidados. É preciso ter muito autoconhecimento para traçar o perfil do filho desejado. São muitos os temores e as expectativas presentes, pois já jogamos sobre os ombros dessa criança nossas necessidades não supridas e, muitas vezes, vamos com uma visão bem “romantizada” para as filhas de adoção e não conhecemos ou nos iludimos quanto às necessidades das crianças e jovens que aguardam uma família substituta. Não raras as vezes, os pretendentes à adoção ficam longos anos na fila, pois querem uma criança branca, de olhos claros e, preferencialmente, que se pareça fisicamente com eles.

Enfim, ao traçar o perfil do nosso filho, não colocamos nenhuma restrição. Entramos de corpo e alma no Cadastro Nacional de Adoção e com um único desejo: amar o nosso filho ou filha!

Finalmente, estávamos grávidos, e iniciava-se uma gestação sem data para terminar. Agora era esperar a tão sonhada ligação da assistente social. Durante o tempo de espera, apenas escolhemos os nomes: Rafael para menino e Beatriz para menina. Não montamos o quarto, nem compramos roupas, pois queríamos evitar a ansiedade. Passei a fazer orações diárias para a minha criança e pedi um sinal, quando chegasse a hora, para que pudesse ter certeza de que aquela criança era para nós.

No dia 6 de novembro de 2014, o nosso telefone tocou! É um momento incrível! Fiquei sem reação e paralisada, enquanto a assistente social falava que o nosso filho tinha chegado. Fui invadida por uma avalanche de emoções e não consegui ouvir mais nada, até o momento

em que a assistente falou um nome: é um menino, com sete meses, que se chama Rafael. Foi quando tive a certeza de que era o meu filho! Interrompi a assistente e pedi para ela repetir o nome da criança: “Rafael, ele já foi registrado pela genitora, mas vocês podem trocar o nome dele”. Trocar o nome? Era o mesmo nome que havíamos escolhido, era o nosso Rafael, o bálsamo do céu, a cura de Deus!

Ao desligar o telefone, fiquei, por alguns minutos, em silêncio, para tentar assimilar tudo que estava acontecendo. Liguei para o meu marido e pedi que ele viesse com a máxima urgência para casa. Peguei uma sandalhinha de recém-nascido que havia comprado para anunciar a minha gravidez e a coloquei sobre a mesa.

O Rodrigo chegou com uma cara de assustado, imaginando que eu estava tendo mais uma severa crise de enxaqueca. Entreguei a sandalhinha para ele, esperando que ele entendesse o que estava acontecendo. Ele abriu a caixinha e me disse: “Que bonitinha, você que comprou?” Enfim, respirei fundo e dei mais detalhes: “Ligaram do Fórum”. E ele: “O que queriam?” Respirei fundo e pensei: por que os homens são assim? Falei com todas as letras: “Nosso filho chegou!”. Ao contrário de mim, ele começou a vibrar e a ligar para metade da cidade.

Penso que senti, em 24h, tudo que uma mulher grávida sente em 9 meses. No dia seguinte, saí para comprar roupas, móveis, brinquedos, fraldas, mamadeira, tudo para distrair a minha mente inquieta. Eu estava apavorada!

Na hora marcada, estávamos no Fórum esperando. Levamos também um amigo, que fez o registro daquele momento.

Quando vi o meu filho pela primeira vez, levei um tremendo susto, pois ele era muito grande e já pesava 10 quilos, e eu teria que trocar todas as roupas que havia comprado.

Importante registrar que o primeiro sentimento que tive foi medo, pois eu estava diante de um desconhecido, e agora ele seria nosso filho. Mas, de forma instintiva, peguei-o nos braços; depois deixei o meu marido pegá-lo por cerca de quinze segundos e já o envolvi novamente no meu abraço. Quando chegamos em casa, havia muita gente esperando e muita festa. Eu só via o Rafael e suas necessidades. Naquele momento, eu me transformava em sua mãe, e ele em meu filho. Em menos de 24 horas, o Rafael já me procurava com o olhar, e eu já me tornava sua referência de segurança. O Rodrigo continuava ligando para os amigos e enviando fotos! Ele realmente estava explodindo de felicidade.

A primeira madrugada que passei com o Rafael no hospital, em razão de uma virose, foi marcante. Pude contemplar a sua face enquanto ele dormia. Contemplação sem pressa. Pude sentir seu corpinho aconchegado ao meu e, vez ou outra, sua mãozinha procurando a minha para se sentir mais seguro ou apenas para constatar se eu realmente continuava ao seu lado.

Naquele momento, só existia uma mãe e um filho. Senti inveja dos poetas e escritores que têm o dom de verbalizar sentimentos e emoções e fazem com que possamos, quase de forma perfeita, compreender o que se passa com eles. Eu gostaria de ter esse dom, para demonstrar o que estava sentindo. Gostaria de forma perfeita explicar o amor incondicional que sentia naquele momento.

Durante toda a minha vida, eu me questioneei sobre qual seria o meu dom. Qual a razão para estar vivendo. Fiz muitas escolhas, inclusive profissionais, para encontrar a minha vocação. E hoje, ao olhar para o meu filho, tudo parece tão claro e evidente. E posso dizer, assim como já fez a Santa das Rosas, Sta. Teresinha, que a minha vocação é o amor. Estou aqui para aprender a amar, e um filho é a verdadeira expressão do amor.

Desde o primeiro momento, decidimos sempre falar a verdade para o Rafael, pois, sendo ele negro e nós brancos, muito cedo iria perceber que era adotado. Então, sempre que tínhamos oportunidade, ressaltávamos o grande dia que havia sido a sua chegada. Lógico que não fazemos um discurso elaborado para falar sobre adoção, ao contrário, tratamos tudo de forma bem natural e sempre respondemos aos seus questionamentos.

Já é possível perceber que o sentimento de rejeição anda rondando o Rafael, o que fica evidenciado nas perguntas que ele nos faz. Devidamente orientados pelo psicólogo, vamos mostrando que ele é merecedor de todo o amor e que jamais será abandonado, e, aos poucos, vai adquirindo mais segurança e autonomia. Ensinamos que ele deve respeitar e ter gratidão por sua genitora, que, por circunstâncias várias, não tinha condições de cuidar dele.

Tivemos dias maravilhosos e dias difíceis, como qualquer família. Diariamente temos que enfrentar o preconceito enraizado em nossa sociedade, a hiperatividade e impulsividade pelo fato de o Rafael ser portador de uma síndrome, decorrente do uso de álcool pela genitora durante a gestação.

Lado outro, vivemos as maiores alegrias ao seu lado e vibramos com cada conquista e aproveitamos todo o aprendizado que nos é oferecido.

Decidimos continuar este percurso e ver o mundo através das lentes de uma criança, que não foi gerada a partir de nós, que não carrega os nossos traços físicos, mas que nasceu para nós, para nos ensinar, como já dizia São João da Cruz, que, no final de tudo, seremos julgados pelo amor.

